



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO

WINITS SOARES FERREIRA

AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

JOÃO PESSOA- PB

2022

WINITS SOARES FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, no período 2022.2, como um dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr. Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula.

João Pessoa- PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F383a Ferreira, Wnits Soares.

Afetividade na relação pedagógica anos iniciais do ensino fundamental / Wnits Soares Ferreira. - João Pessoa, 2022.
42 f. : il.

Orientação: Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Afetividade. 2. Emoções. 3. Educação significativa. 4. Aprendizagem I. Lula, Aurora Camboim Lopes de Andrade. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 37(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

WINITS SOARES FERREIRA

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal da Paraíba.

João Pessoa, 12 de dezembro de 2022.

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula, DFE/CE/UFPB



Prof. Dra. Thaís Oliveira de Souza, DFE/CE/UFPB

Ms. Joana Emilia Paulino de Araujo Costa – examinadora externa

Dedico este trabalho primeiramente ao meu Senhor Jesus, Deus Pai, que a todo tempo está comigo. Bem como aos meus pais, irmãos ,familiares, amigos e a minha querida orientadora que me ajudaram ao longo dessa grande jornada . Minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao meu Senhor e Salvador Jesus pelas incontáveis bênçãos concedidas a mim. Por possibilitar a realização desse sonho. Foram noites e dias estudando sozinha para a prova do Enem, mesmo sem muitas condições e materiais de estudo na época, o Senhor me deu forças para não desistir, as dificuldades foram vencidas, para honra e glória do seu santo nome. Como sempre a fidelidade de Deus e suas misericórdias se renovam em meu viver, por isso afirmo de todo coração “Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus sábio, seja honra e glória para todo o sempre. Amém” (1 Timóteo 1:17) Porque tudo é por ele e para ele, meu rei Jesus.

Agradeço a minha família, meus irmãos Wenderson Soares Ferreira e Welen Soares Ferreira pela parceria, em especial a minha mãe Maria José Soares Ferreira e ao meu pai João Batista Bezerra Ferreira por todo amor, sacrifício e ensinamentos que me ofereceram, desde criança me acompanhando e se dedicando em me educar, para eles a educação sempre foi o melhor caminho para uma vida digna . Além de pais são meus melhores amigos, agradeço por todo apoio e cuidado ao longo de minha vida e caminhada acadêmica.

Agradeço aos meus amigos(as) e irmãos(ãs) em Cristo, por compartilhar momentos bons, que aquecem o coração e nos animam a lutar por nossos objetivos.

Aos queridos professores que tive o prazer de conhecer e conviver ao longo da vida, pois me possibilitaram uma base sólida e foram uma das causas do meu interesse pela educação, aos professores da academia que me proporcionaram aprendizados, alguns tornaram-se amigos e são inspirações para mim. Obrigada por compartilhar momentos, livros e conversas, cada um tem um lugar reservado em meu coração.

Minha gratidão também à orientadora Aurora Camboim de Andrade Lula por ter aceitado me auxiliar neste desafio. Agradeço pela paciência, sabedoria, afeto, pela leveza e dedicação, é uma amiga que quero levar com muito carinho.

Finalmente agradeço a todos que ao longo da minha caminhada contribuíram de forma direta ou indireta, cada pessoa que tive a oportunidade de conhecer, aprendi algo novo e acredito que esse é uma das características da educação, estamos sempre aprendendo, sempre avançando.

“Os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.” (Rubem Alves)

LISTA DE TABELAS

Tabela participantes da pesquisa.....	24
---------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

RESUMO

O afeto, presente no relacionamento entre professor e aluno, gera possibilidades de diálogos que contribuem para um melhor entendimento de como os educandos aprendem, refletem e agem, ou seja, favorecem o desenvolvimento de uma aprendizagem com significado, pois compreende-se que as crianças possuem suas individualidades e precisam ser reconhecidas. O presente trabalho tem por objetivo analisar a compreensão das professoras do ensino fundamental, anos iniciais, sobre a afetividade na relação entre professor/a e aluna/o. Como essa afetividade está sendo colocada em prática nos anos iniciais? A pesquisa de campo foi realizada com duas professoras de uma escola da rede privada e duas professoras de uma escola da rede pública. Adotamos, como base metodológica, a pesquisa bibliográfica e exploratória com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas estruturadas com as professoras do ensino fundamental anos iniciais. Utilizamos como base teórica os autores Wallon (1968), Piaget (1998), Vygotsky (1998), Paulo Freire (1996) por meio de um diálogo reflexivo sobre afetividade alicerçados nas teorias psicológicas e a educação. Os resultados evidenciaram que as professoras acreditam que uma educação afetiva é indispensável para um melhor desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Afetividade; emoções; educação significativa; aprendizagem.

ABSTRACT

Affection, present in the relationship between teacher and student, generates possibilities for dialogues that contribute to a better understanding of how students learn, reflect and act, that is, favor the development of meaningful learning, as it is understood that children have their individualities and need to be recognized. This work aims to analyze the understanding of elementary school teachers, early years, on the affectivity in the relationship between teacher and student. How is this affection being put into practice in the early years? Field research was carried out with two teachers from a private school and two teachers from a public school. We adopted, as a methodological basis, bibliographical and exploratory research with a qualitative approach. Data were collected through structured interviews with elementary school teachers in the early years. We use Wallon (1968), Piaget (1998), Vygotsky (1998), Paulo Freire (1996) as a theoretical basis through a reflective dialogue on affectivity based on psychological theories and education. The results showed that the teachers believe that an affective education is essential for a better development in the teaching and learning process of children.

Keywords: Affectivity; emotions; meaningful education; learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CONCEITOS SOBRE AFETIVIDADE.....	17
2.1 Conceito de afetividade segundo Henri Wallon.....	17
2.2 Conceito de Afetividade, segundo Lev Vygotsky.....	20
2.3 Conceito de afetividade segundo Piaget	22
2.4 Paulo Freire e afetividade.....	24
3. METODOLOGIA.....	27
4. RESULTADOS E ANÁLISES.....	29
5. CONCLUSÕES	38
6. REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	42

1. INTRODUÇÃO

A educação é um instrumento que pode transformar pessoas, por isso a influência que o educador possui na vida de seus educandos é de grande relevância. O professor deixa marcas na vida de seus alunos sejam elas boas ou ruins. Durante muito tempo, persistiram práticas disciplinares que primavam por um ensino centrado no professor. Nessa concepção tradicional, a relação entre professor e aluno sempre foi mais rígida, o detentor do conhecimento possuía uma posição superior ao aprendente, com isso ambos estavam distantes, a relação era baseada no medo, na busca pela perfeição e consequentemente na repulsa ao erro.

Com isso, o aprendizado em vez de ser algo prazeroso, tornava-se um castigo, além de acarretar traumas para toda a vida dos estudantes. São inúmeras declarações de pessoas que falam de sua época em que viam o professor como alguém cruel, sem sentimentos, tornando assim sua imagem sempre voltada para o lado negativo. A educação era centrada no conhecimento que o professor repassava, ou seja, ele era o detentor, a cabeça pensante dotado de toda inteligência que passaria para seus alunos o conhecimento se eles fossem moldados, seguissem o padrão proposto de perfeição, sendo assim o erro era um grande problema.

A maneira de avaliar o aprendizado também era bastante temida, quantos de nós por muito tempo sentíamos medo das provas e exames? Há tantos relatos de pessoas que possuem traumas e até sofrem com ansiedade, só em ouvir que farão provas. Tudo isso porque a avaliação era quantitativa em que só tornava importante a nota e não o processo de aprendizagem dos estudantes. Porém, vemos que isso aos poucos vem se transformando, com as novas teorias educacionais a exemplo do construtivismo de Jean Piaget, Lev Vygotsky, da pedagogia da autonomia de Paulo Freire, da aprendizagem significativa que colocam o estudante no centro da aprendizagem, considerando tanto aluno como professor como seres integrais, possuidores de emoções, que por sua vez também interferem no processo de ensino e aprendizagem.

O afeto, presente no relacionamento entre professor e aluno, geram possibilidades de diálogos que contribuem para um melhor entendimento de como os educandos aprendem, refletem e agem, ou seja, favorecem o desenvolvimento de uma aprendizagem com significado, pois compreendem que as crianças possuem suas individualidades e precisam ser reconhecidas.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar a compreensão dos/das professores/as do ensino fundamental sobre a afetividade na relação entre professor/a e

aluna/o nos anos iniciais do ensino fundamental. Esta pesquisa parte da minha experiência pessoal, pois em minha educação na escola pública percebi o quanto a afetividade entre o professor e o aluno contribui para um melhor desenvolvimento da aprendizagem. Tive alguns professores que foram exemplos para mim e me incentivaram nesse caminho do aprendizado. Já na minha jornada acadêmica e profissional, tive experiências na escola pública por meio dos estágios supervisionados obrigatórios e não obrigatórios em escolas privadas, como também por meio do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e pude observar nestas práticas também a importância da afetividade na relação docente e discente. Porém, esse relacionamento pedagógico de afetividade ainda é pouco colocado em prática, ou mesmo o conceito não é conhecido de fato.

Alguns trabalhos abordam a relevância do afeto para o ensino e aprendizagem, os autores deixam claro que quando o conceito de afetividade é conhecido e colocado em prática a aprendizagem torna-se prazerosa e eficiente. “A relação afetiva na sala de aula é capaz de extinguir barreiras e construir pontes, pontes que dão amplo acesso a aprendizagem significativa” (BLANCHARD *et al*, 2021, p. 4).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também aborda sobre essa educação afetiva, especificamente nas competências gerais da educação básica;

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018, p.10)

Assim sendo, um ensino e aprendizagem que possuem significados para os educandos são pontos essenciais para que essa educação seja de qualidade. A relação afetiva em sala de aula torna o ambiente mais seguro, pois mesmo quando há medos e inseguranças, tanto do

lado emocional como cognitivo, pode-se refletir sobre as melhores estratégias para superar os percalços que surgem no caminho do aprender. “O professor é um dos mais importantes mediadores da afetividade, queira ele ou não, pois, a maneira como ele resolve conflitos e se relaciona com o aluno reflete inteiramente em sua vida” (BLANCHARD *et al*, 2021, p. 4). Portanto, o/a professor/a possui um importante papel em guiar e mediar o conhecimento, auxiliando os alunos a conhecerem a si mesmos e diante das dificuldades refletirem sobre o que fazer, como fazer, de maneira autônoma e reflexiva.

Outro trabalho que é de grande relevância e aborda sobre a afetividade e aprendizagem expõe sobre a importância do professor no desenvolvimento e na abordagem da afetividade, bem como traz diversas reflexões sobre a educação infantil, e como a afetividade pode ser uma grande ferramenta para unir em um só objetivo professor e aluno, que é o aprendizado para a vida, a educação. Conforme afirmado por Pereira (2022) o diálogo é essencial e fundamental para que esse afeto não seja arrogante no processo de desenvolvimento da aprendizagem. A maneira que o professor constrói essa relação de afetividade e significado, ela pode auxiliar ou atrapalhar na curiosidade dos educandos, eles precisam ter prazer em aprender e sentir-se estimulados, é preciso também considerar e respeitar os saberes que carregam e suas experiências e realidades que influenciam direta ou indiretamente. “Quando os alunos se sentem respeitados, inicia-se um ciclo produtivo de aceitação e confiança, eles sentem-se seguros, o que lhes permite maior participação em classe sem medo de cometer erros” (PEREIRA, 2022, p.34). O erro é um grande vilão da aprendizagem, muitas vezes até o causador do dito fracasso escolar, pois em uma sociedade competitiva que busca a perfeição, errar não é aceitável.

Na educação, a questão do erro é um problema que necessita ser superado, infelizmente ainda existe uma educação que só visa resultados, e errar é como se fosse “coisa de outro mundo”. Porém, sabemos que errar é humano, e na aprendizagem o erro não deve ser algo que atrapalha, mas que pode impulsionar a aprender com o mesmo. Autores como Piaget (2002) e Luckesi (2013), por exemplo, nos trazem reflexões sobre o erro ser necessário quando se quer aprender.

Quando há confiança, aceitação e respeito do educando por si mesmo, ele pode acolher-se nos momentos que errar e não ter medo de falhar. Também se refere ao próprio educador que muitas vezes se cobra e quando erra sente-se culpado, é imprescindível que esse/a pedagogo/a ou profissional da educação seja afetivo consigo mesmo e reconheça suas falhas pode errar e aprender com seus erros, aprendendo a pensar sobre suas ações e acolher-se nesses momentos.

Diante do que temos refletido sobre afetividade e educação existem problemáticas que

envolvem esse tema. Mas, antes de refletirmos sobre isso, precisamos deixar claro sobre o conceito de afetividade, a diferenciação de afetividade e emoção e a diferença entre afetividade e afetuosidade, bem como educação afetiva. Defini-se afetividade como “A capacidade do ser humano de reagir prontamente às emoções e aos sentimentos, qualidade ou caráter daquele que é afetivo”. (AFETIVIDADE, 2022)

Diferente da emoção que é “Reação afetiva de grande intensidade que envolve modificação da respiração, circulação e secreções, bem como repercussões mentais de excitação ou depressão. Perturbação dos sentimentos, ação de sensibilizar-se”.(EMOÇÃO,2022). A afetuosidade é “a qualidade da pessoa afetuosa, uma demonstração de afeto”.(AFETUOSIDADE,2022). Como vimos todos os conceitos são diferentes um do outro, o conceito principal que abordaremos é de educação afetiva. Isto posto,não podemos culpabilizar os professores, pela maneira de como essa educação tem demonstrado ser afetiva, são diversas as causas dela não ser como se esperava , uma delas é a falta de recursos para a educação, pois quando há infraestrutura, verbas, apoio do governo, políticas públicas voltadas para educação o professor pode ensinar sem ter que se preocupar com estas pautas. Mas, quando isso não é realidade, o trabalho do docente é dificultoso, estressante e até cansativo, e reflete não só no psicológico dos educadores, mas de toda comunidade escolar. Portanto, acredito que a temática possui relevância teórica, podendo abrir caminhos para que haja maior interesse na dimensão afetiva em sala de aula, pois ainda possuem poucas produções acadêmicas sobre o tema. Com o conhecimento mais acessível a todos haverá um ramo de novas possibilidades para a prática, fazendo com que se interessem, possam reconhecer a relevância de exercer uma educação afetiva que considera o educando como um ser que é integral, por isso, o relacionamento sadio entre professor e aluno, baseado no respeito, compreensão, motivação, entre outros aspectos importantes é um fator principal para que essa educação seja ofertada com qualidade. Os acadêmicos e profissionais da educação poderão aprofundar-se sobre essa temática e assim adquirir mais conhecimentos para também cooperar nesta causa, sendo profissionais capacitados para exercer suas contribuições, que buscam conhecer seus discentes como a si mesmos, fazendo sua parte para uma sociedade com cidadãos mais responsáveis.

Este trabalho tem como objeto analisar a compreensão dos/das professores/as do ensino fundamental sobre a afetividade na relação entre professor/a e aluna/o. Como objetivos específicos: Verificar como os professores compreendem a relação entre os processos afetivos e a aprendizagem dos/das estudantes; identificar quais os elementos presentes na relação com os/as estudantes que interferem na prática afetiva; e analisar a concepção de afetividade

desses/as professores/as.

Este trabalho está dividido em 6 capítulos no primeiro capítulo abordamos sobre algumas reflexões referentes ao afeto, ensino e aprendizagem. No segundo capítulo expomos sobre a afetividade, algumas teorias psicológicas relacionadas à educação. Descrevemos ainda sobre os conceitos de afetividade segundo alguns autores importantes na área educacional. No terceiro capítulo discorremos sobre os métodos utilizados na pesquisa. No quarto capítulo expusemos sobre os participantes da pesquisa, os instrumentos e os procedimentos de aplicação. No quinto capítulo falamos sobre os procedimentos de análise da pesquisa e resultados. Por fim, no sexto capítulo apresentamos as conclusões finais.

2. AFETIVIDADE, TEORIAS PSICOLÓGICAS E EDUCAÇÃO

A afetividade na educação é um tema que ainda gera muitas dúvidas acerca de seu conceito, é fato que muitos professores afirmam que em sua prática pedagógica ela é presente, entretanto, quando vamos para a realidade, ainda é vista somente como demonstrações de carinho, como por exemplo, abraços e beijos. A afetividade no âmbito educacional não se resume somente nesses aspectos, o respeito, a sensibilidade, a compreensão, o olhar afetivo para as emoções e sentimentos são alguns dos aspectos que contribuem para que o ambiente em sala de aula seja um lugar onde todos possam sentir-se à vontade de expressar e reconhecer a si e aos outros. A afetividade é uma das dimensões constitutivas do desenvolvimento humano e do processo de ensino e aprendizagem. Não considerar este aspecto na educação, revela uma prática limitada e pouco eficiente.

Sendo assim, traçaremos alguns conceitos de afetividade segundo importantes autores da área da Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: Henri Wallon, Lev Vygotsky e Jean Piaget e da área Educação como Paulo Freire. Todos esses autores nos trazem contribuições de extrema importância para que possamos entender de que maneira a afetividade pode favorecer na educação.

2.1 CONCEITO DE AFETIVIDADE SEGUNDO HENRI WALLON

As emoções possuem um grande papel para que possamos desenvolver a aprendizagem. Para Henri Wallon (1968), é a partir dos primeiros anos de vida que a afetividade vai sendo expressa, a família é o primeiro ambiente de aprendizado, é nela que a criança sente-se acolhida, protegida, incentivada a desenvolver o afeto, a psicomotricidade, a

comunicação etc, sendo assim ela observa as situações a sua volta, e vai interagindo por meios dos estímulos.

As situações com as quais ela confunde o sujeito não são apenas incidentes materiais, são também relações interindividuais. O ambiente humano infiltra o meio físico e o substitui em grande medida, sobretudo para a criança. Porém, compete precisamente às emoções, por sua orientação psicogenética, realizar esses vínculos que antecedem a intenção e o discernimento. As atitudes que as compõem, os efeitos sonoros e visuais que delas resultam são, para o outro, estimulações de extremo interesse, que têm o poder de mobilizar reações semelhantes, complementares ou recíprocas, ou seja, relacionadas com a situação da qual são efeito e indício (WALLON, 1968, p. 70).

O autor supracitado apresenta como as situações que acontecem no decorrer do desenvolvimento da criança são influenciadas pelo ambiente humano. Todavia, as emoções que norteiam o conhecimento ocupam lugar central na sua evolução como pessoa e nas informações que ela adquire. A afetividade vai se expressar em todas as fases da vida por meio de três maneiras. A primeira é a emoção, em que o organismo é o responsável por controlar as ações do indivíduo e não a razão, ou seja, não há tempo para refletir, pensar sobre como agir, as ações são imediatas, essas reações que são causadas por um estímulo interno ou externo.

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mas precisamente, ao contrário, porque se dirigem, à medida que ela desperta, a automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental. Assim, o social se amalgama ao orgânico. (WALLON, 1968, p. 71)

A segunda fase é o sentimento em que o indivíduo sente essas emoções de forma mais intensa e são representações da afetividade, ele consegue expressar e dizer o que o incomoda, portanto, está ligado a cognição havendo reações instantâneas e diretas com atitudes de abstenção. “Esse período inicial, defensivo e negativo, só poderá se modificar com o surgimento e o progresso das representações mentais que fornecerão a seus entressonhos motivos e temas mais ou menos inatuais” (WALLON, 1968.p. 75).

A terceira fase é a paixão em que os sujeitos conseguem se controlar diante das situações, tornando a emoção silenciosa, há um autocontrole do comportamento.

A paixão pode ser intensa e profunda na criança. Mas com ela aparece a capacidade de tornar a emoção silenciosa. Portanto, para se desenvolver, pressupõe o autocontrole da pessoa e não pode vir antes da oposição claramente sentida entre si mesmo e o outro, cuja consciência não se dá antes dos 3 anos. Então a criança se torna capaz de alimentar, secretamente, frenéticos ciúmes, apegos exclusivos, ambições talvez vagas, mas nem por isso, menos exigentes. A idade seguinte, de relações mais objetivas com o meio, poderá atenuá-las. São, ademais, reveladoras de um temperamento. (WALLON, 1968,p. 75)

A afetividade, segundo Wallon (1968), é fator essencial para formação do ser humano e conseqüentemente na construção do conhecimento, segundo o autor, por meio da observação, convivência e interação as pessoas vão desenvolvendo tanto o cognitivo como o intelecto. Para a criança, a aprendizagem será um momento de descoberta, na qual vai conhecendo a melhor maneira de aprender de acordo com sua individualidade, mas também do seu contexto de vida. Desta maneira, o professor possui a incumbência de ser observador e procurar mediar seus alunos para que eles mesmos sejam autônomos no seu processo de aprender e o olhar sensível aos sentimentos e motivações são ferramentas afetivas que fazem total diferença.

O olhar afetivo é provocativo e perseverante, sem pausas, sinônimo de cuidado e zelo, capaz de admirar e admitir avanços, de incitar e apoiar mudanças. É aquele que não desiste da batalha de impulsionar o aluno para o novo e levá-lo a desvendar o que desconhece (CARLOS *et al*, 2009, p.45)

O olhar do professor para o aluno e do aluno para o professor são aspectos que fazem toda diferença no ato educativo, esse olhar necessita ser intencional, investigativo em que há cumplicidade entre ambos, esse olhar deve vir acompanhado da escuta, o educador precisa aprender a olhar o ato de educar com uma percepção mais aguçada, exploradora, que reflete de acordo com o que vê, visando despertar nos seus alunos suas potencialidades para que eles possam compartilhar com a sociedade o que tem de melhor, aceitando o outro com suas realidades, sendo tolerante, com um olhar resiliente tanto para si como para com o próximo, sabendo que cada um possui suas dificuldades, suas marcas e fracassos, mas também esperanças, desejos, anseios e sonhos (CARLOS *et al*, 2009, p.40).

Um professor afetivo consegue observar que as emoções de seus alunos podem atrapalhar em sua aprendizagem ou mesmo auxiliar, por exemplo se uma criança está chateada com algo que aconteceu em casa e não quer se envolver na rotina escolar, está mais quieta ou mesmo irritada, podendo até entrar em conflito com os colegas e com o próprio

professor. O que se pode fazer nessas horas em que as ações são dirigidas pelas emoções? O professor precisa estar sensível e dialogar com ela para procurar incentivá-la a resolver o problema, pensar e refletir sobre o que ela sente e como podem buscar meios para que o aprender seja prazeroso e não um peso para ambos. Outro exemplo é quando a criança está muito feliz com algo que aconteceu, seja na família ou com os colegas em sala, o professor pode utilizar esse momento para ver uma maneira de incentivar e estimular também no processo de aprender. São essas atitudes do meio social que vão contribuir para o processo de evolução do ser humano e consequentemente da aprendizagem. “A afetividade é uma sensação de extrema importância para a saúde mental de todos os seres humanos por influenciar o aspecto cognitivo, o comportamento e o desenvolvimento geral” (PEREIRA, 2022, p.17).

Para Wallon as dimensões afetiva, cognitiva e motora são intrinsecamente inseparáveis, é o meio que permite que os sujeitos demonstrem suas capacidades e conheça-as, quando os sujeitos interagem entre si aprendem uns com os outros, sentem mais empatia, adquirem capacidades para que possam entender e reagir às mudanças constantes da sua fase em que vive.

2.2 CONCEITO DE AFETIVIDADE SEGUNDO LEV VYGOTSKY

Lev Vygotsky é um teórico que possui uma concepção histórico-cultural do desenvolvimento, em que a cultura, as interações sociais, o ambiente que o indivíduo vive influencia de forma direta em suas ações, pensamentos e atitudes. Vygotsky criou uma teoria, que acredita que o homem se forma a partir do diálogo com a sociedade. Portanto, o homem é quem transforma o ambiente e consequentemente o ambiente transforma o homem. Ele não generaliza essa relação, o que interessa para a sua teoria é que haja interação das pessoas com o ambiente.

O mesmo acreditava que as funções psicológicas mais complexas do ser humano só se desenvolviam através do aprendizado ativo e mediado pelas relações interpessoais. Outro conceito chave de Vygotsky é a mediação. Segundo sua teoria toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos, a cultura é um fator de extrema importância para a formação desses sujeitos bem como os símbolos. Podemos tomar como exemplo a língua de cada país, pois faz parte da sua cultura.

Considerava o afeto e a cognição como dimensões inseparáveis, em que enxergam os sujeitos em sua totalidade. Como seres humanos holísticos, as emoções e sentimentos

contribuem ou atrapalham dependendo de como reagimos frente às situações no dia a dia, principalmente no âmbito escolar.

Vygotsky (2010, p. 139) ressalta que “as emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retestam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento”. As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordam melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas (KOCHHANN, *et al*, 2015. p. 528).

Novamente o estímulo é presente, a afetividade torna-se um instrumento que pode favorecer a aprendizagem. Vygotsky (1993) afirma que o pensamento, o afeto e o cognitivo estão interligados e não podem ser separados, são as transformações internas e externas no indivíduo que vão motivar as emoções gerando as ações do sujeito. As interações que os indivíduos têm uns com os outros são estímulos de novas aprendizagens, pois assim podem observar e refletir sobre suas próprias ações, a própria linguagem e comunicação é um fator primordial para o desenvolvimento dos educandos.

Para o autor, o diálogo é uma forma de aproximação entre os indivíduos, a partir dele que podemos expor nossos pensamentos, comunicar o que nos incomoda, expressar nossas ideias. Portanto, essa comunicação é uma ferramenta indispensável para a educação e a relação entre professores e alunos para um ensino e aprendizagem mais afetivo, que considera o outro no seu lugar de fala. A parceria entre aluno e professor e a afetividade é fundamental para que essa aprendizagem seja de fato mediada. Essa parceria começa desde a infância. Exercem papel fundamental nas relações, influenciando o interesse na aprendizagem, autoestima, memória, percepção, nas vontades e ações, favorecendo a construção da personalidade humana” (PEREIRA, 2002, p.19). Esse espaço relacional quando são dominados por sentimentos de ódio, vergonha, raiva, incompreensão no seu âmbito do aprender há possibilidades de apresentar uma linguagem predominante de indiferença, rejeição, desânimo, isto posto, um mínimo de consenso entre as partes é essencial para que cresça um diálogo produtivo e significativo.

Do ponto de vista social, o afeto se constrói por meio da aceitação do outro, do respeito, da confiança, da tolerância de ambos os lados dos participantes da educação assim afirma Cândida (2009). Essa relação entre educador e educando necessita estar alicerçada na reciprocidade de ambas as partes, deixando de lado o juízo de valor e priorizando o mais

importante que é o aprendizado para a própria vida, o contato com a cultura da escola, as interações com o corpo docente, a comunidade escolar e os colegas de classe tem de ser a mais confortável e prazerosa possível, em que todos possuem o espaço de serem afetivos, que buscam por uma educação respeitosa, que considera o outro como parte de si e valoriza as experiências pessoais e as adquiridas no âmbito social e educativo.

2.3 CONCEITO DE AFETIVIDADE SEGUNDO PIAGET

Jean Piaget era biólogo, suíço e o primeiro a trabalhar no campo da inteligência infantil. Passou muito tempo da sua investigação interagindo com crianças e estudando o processo do conhecimento lógico-matemático. E isso acarretou em um grande impacto nos campos da Psicologia e Pedagogia.

Jean Piaget trouxe a revolução das concepções de inteligência e de desenvolvimento cognitivo através das suas pesquisas que eram baseadas na observação e em entrevistas realizadas com as crianças. Tomou como ponto fundamental de suas pesquisas as relações que se estabelecem entre o sujeito que conhece e o mundo que ele tenta conhecer e nele intervir.

O seu estudo nos mostra que quando observamos com cuidado a maneira que o conhecimento se desenvolve nas crianças, passamos a ter compreensão da natureza do conhecimento humano de forma geral.

Piaget se dizia um epistemólogo genético, pois tinha grande interesse em entender como se dá à evolução do conhecimento. Desenvolveu a teoria de que o conhecimento avança gradativamente, através de estruturas de raciocínio que se sucedem umas às outras por meio de estágios. Significa então dizer que a lógica e formas de pensar de uma criança não são iguais às formas e lógicas de pensar dos adultos. Portanto, os adultos devem adotar uma forma diferente de lidar com o desenvolvimento educacional das crianças. Principalmente os/as pedagogos/as que lidam diariamente com as crianças, sabendo que cada uma é diferente da outra, tem sua própria experiência e realidade de vida bem como suas personalidades, reconhecendo sua totalidade como seres integrais.

A partir da sua teoria, Piaget, identifica quatro estágios de evolução da mente infantil. Cada estágio tem sua característica própria de raciocínio e conhecimento que formam os pensamentos e comportamentos das crianças. São eles: sensório-motor (de 0 a 2 anos) que se desenvolve a partir dos sentidos e reflexos, pois elas não têm noção das imagens e

representações que existe a sua volta, pré-operatório (de 2 a 7 anos) que é a fase responsável por desenvolver na criança a capacidade de representação, tornando-a capaz de socializar com o mundo a sua volta, operatório concreto (de 7 a 12 anos) é o período que a criança desenvolve o ato de pensar, deixando-a com mais competência para interagir e participar efetivamente das coisas e operatório formal (de 12 anos em diante) que é quando a criança aprende a transformar a sua imaginação em algo concreto utilizando o raciocínio.

É necessário que o professor entenda as diferenças existentes entre a capacidade de compreensão da criança e a capacidade do adulto. Só assim o professor vai conseguir enfatizar suas conquistas antes de mostrá-las o seu erro, fazendo com que elas entendam que o erro faz parte do caminho e que elas não deixam de desenvolver conhecimento por causa disso, pois a partir dos erros surgem as conquistas e os progressos. O professor deve tornar os erros construtivos, é uma das bases da teoria de Piaget.

A afetividade possui um importante papel na aprendizagem, por ser ela um instrumento motivador. Ou seja, a afetividade abrange vários aspectos, não somente os sentimentos, ela vai influenciar todas as áreas. Esse autor vai abordar que a afetividade está diretamente relacionada com o cognitivo e que a autovalorização que a pessoa tem de si mesma, seja ela positiva ou negativa, vai de alguma maneira interferir nesse processo de aprendizagem.

Para Piaget, a autovalorização é um sentimento de inferioridade ou superioridade com base no valor que o sujeito tem de si. Esse sentimento influencia todo o desenvolvimento e pode ser baseado na opinião dos outros, pode ser consolidado pela coação de outra pessoa, ou pelas fantasias e pela assimilação deformante. Na relação professor-aluno, o vínculo afetivo é baseado no esquema de simpatia. Esse sentimento se estrutura na mutualidade, devido à carência de reconhecimento afetivo. Segundo o autor, a afetividade pode acelerar ou atrasar o aprendizado. Sentimentos de êxito e de sucesso facilitam o aprendizado, enquanto que sentimentos de fracasso podem atrasar ou impedir (CLEIRE, 2021, p.222)

A autonomia do indivíduo nesse processo é primordial, e o meio social contribui para que o mesmo possa demonstrar esse aspecto. Piaget reconhece a moral como um fator que interfere na afetividade em que por meio do contexto social o indivíduo vai demonstrar suas ações.

Por fim, Piaget (2004, p. 34) afirma que “nunca há ação puramente intelectual, assim como também não há atos que sejam puramente afetivos”. Nessa perspectiva o autor acredita que afetividade e cognição sejam indissociáveis, e que o homem age ao ser motivado,

de acordo com a sua moral, podendo ter influências do meio em que vive, e que a aprendizagem se dá a partir de um processo de acomodação e assimilação e que a afetividade é a energética que impulsiona as ações tendo como suporte a razão (KOCHHANN, *et al*, 2015. p. 528).

A afetividade é impulsionadora das ações e essas ações vão ser influenciadas pela moral, ou seja, o conjunto de regras e valores que o indivíduo possui, estão intrinsecamente interligados, todavia o âmbito e contexto em que vive pode interferir de forma direta ou indireta. Para esse autor, as ações do indivíduo sejam elas de cunho mental, psicomotor ou verbal são de extrema importância no que se diz respeito ao próprio desenvolvimento, seja ele pessoal e da aprendizagem.

2.4 PAULO FREIRE E AFETIVIDADE

Paulo Freire foi um dos educadores brasileiros que revolucionou a educação com suas concepções voltadas para um ensino significativo que considera os contextos e realidade, bem como a visão de mundo dos educandos, a autonomia, a criticidade e reflexão no ensino e aprendizagem. Conhecido mundialmente por seus métodos na educação, ele abordava ideias centradas na emancipação dos indivíduos, criticando uma educação onde o professor detinha o conhecimento conceituada de “educação bancária”, em que o aluno era oprimido e não possuía o direito de pensar criticamente.

Algumas de suas obras mais conhecidas são: *Pedagogia do Oprimido*, em que afirma a luta por seres humanos considerados pessoas e não objetos manipuláveis, do medo da liberdade, da desalienação, principalmente na área educacional em que a relação de professor e aluno deve ser leve e não opressora, da emancipação e educação voltada para a vida; *Pedagogia da Esperança*, no qual traz reflexões sobre a pedagogia do oprimido e suas experiências pessoais durante o exílio, expondo que a educação é transformadora; a *Pedagogia da Autonomia* que considera o educando e educador como seres que merecem respeito, uma pedagogia baseada na ética, na formação integral e individual dos sujeitos dos saberes necessários e indispensáveis à prática educativa, bem como outros livros que são essenciais para a área educacional.

Iremos aqui referenciar o livro *Pedagogia da Autonomia* que apesar de não ser um livro centrado exclusivamente sobre a afetividade no ensino ele aborda diversos temas de extrema importância para a prática no educacional, inclusive sobre a escuta pedagógica que faz parte de uma formação centrada no indivíduo. Desta forma o autor afirma:

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer meu direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das idéias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque *escuta*, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta jamais é autoritária. (FREIRE, 1996, p.135)

A escuta é um ato de afeto, pois a partir do momento que o professor abre o espaço para o aluno se comunicar, expressar seus sentimentos ou dúvidas os mesmos aprendem uns com os outros, com suas diferenças, tornam a relação mais profunda e aberta ao diálogo constante e reflexivo sobre as situações e circunstâncias que surgem no caminho do saber. A escuta além de ser uma demonstração de afeto e cuidado é parte de uma educação que considera o sujeito em seu direito de fala, é uma ação democrática que não oprime, mas ensina para a liberdade. Mesmo em um momento de discordância quando a escuta de fato é colocada em prática essas distinções podem ser solucionadas na base do respeito e tolerância, isto posto, é a partir desta qualidade que a sociedade vai se transformando, pois alunos que são impactados por uma educação que visa a transformação social, fazem a diferença onde vivem. Por isso o autor reafirma que ensinar exige escutar.

De acordo com Freire (1996), ensinar também exige respeito aos saberes dos educandos. Um ensino que respeita as experiências, os conhecimentos prévios é um ensino afetivo por considerar como importante o outro em sua realidade e contexto de vida, essa realidade é um instrumento poderoso para o professor criar vínculos com os indivíduos, tanto vínculos afetivos como também auxiliar no ensino dos conteúdos, dando assim significado, é o que de fato importa. Ensinar também exige respeito à autonomia do ser do educando, ou seja, além de ser uma ação ética é um direito e não um favor, que os educandos experienciem uma educação afetuosa que respeita seus modos de pensar e agir, sua linguagem, em que não há espaços para organização e diminuição do aluno, mas o ensino é como uma moeda ele possui dois lados o do aprendiz e o do educador, esse respeito deve abranger também aos alunos para com o professor, ambos devem estar nessa relação de afeto, vínculo, respeito, liberdade de fala e escuta.

Outro ponto essencial em que Paulo Freire aborda no seu livro *Pedagogia da*

Autonomia é sobre o fato de que a esperança é um motor para o ensino e aprendizagem, ele vai afirmar que ensinar exige alegria e esperança, portanto existe nessa relação entre professor e aluno um esperar por um desenvolvimento digno do sujeito. Desta forma ele diz que “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.” (FREIRE, 1996, p. 37) é essa relação de afeto em que ambos se desenvolvem, aprendem e ao mesmo tempo ensinam e vão construindo um aprendizado significativo.

Quantas vezes no dia a dia em sala de aula, o ambiente é estressante, as situações ou realidades fogem do nosso controle, até mesmo as políticas públicas voltadas para a educação que deveriam ser direito, são ausentes, isto nos rouba a alegria e a esperança de um futuro melhor, de uma educação de qualidade e de alguma forma também influencia nas questões afetivas em sala de aula, mas apesar de tudo precisamos ter essa visão esperançosa e até utópica, de lutar por uma sociedade melhor de acordo do que podemos fazer, não se acomodar, buscar meios possíveis da sua realidade para intervir, pois essa é uma das obrigações dos educadores, não se conformar com os problemas, todavia lutar por soluções como sujeito que intervém no mundo que está sempre em mudanças.

Por isso, o autor declara que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível, ora se nós não nos movemos para que haja mudança ela nunca ocorrerá. Um ensino afetivo é sobretudo analítico, o professor observador que reflete sobre suas ações e as ações dos alunos também é importante. Que está atento às emoções expressas no dia a dia em sala de aula e na comunidade escolar, a saúde psicológica dos estudantes e principalmente a sua que é essencial, as/os pedagogas/os precisam estar atentas/os sobre os sentimentos que surgem no processo de ensinar, se preciso até um apoio psicológico para que as ações internas estejam equilibradas para saber lidar com as crianças, as famílias e a comunidade em geral. Desvendando problemas que antes eram imperceptíveis, mas que são expostos, o mesmo precisa se perguntar, o que vou fazer a respeito? Ou o que posso fazer sobre isso? Será que minha prática pedagógica está coerente? Ou se esse problema tem outras causas externas que influenciam? Todas essas indagações precisam ser alicerçadas neste conceito de que mesmo diante de tudo, a mudança é possível.

Só podemos colocar em prática uma aprendizagem democrática em que ambos possuem o espaço e direito de fala e escuta quando há uma relação de afeto em que a solidariedade é presente, no qual educador e educando aprendem a compreender a si mesmos e os significados das ações e reações em sala de aula por isso que o ato reflexivo é

primordial, pois por meio dessa educação que podemos intervir no mundo, com isso a comunicação entre os pares, o diálogo a abertura para discussões, o incentivo ao pensamento crítico são maneiras de dar significado ao aprendizado para que aquela criança entenda que por meio da educação que a sociedade é transformada.

Consequentemente o comprometimento com os sujeitos alvos da educação é indissociável para uma prática afetiva, o querer bem aos educandos, romper com o paradigma que professor “bom” é o que tem autoridade e controle dos alunos, que é sério pois se for um pouco simpático e sensível não é respeitado. Isto posto, a afetividade deve ser uma escolha intencional “ Significa ,de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos , numa prática específica do ser humano.” (FREIRE, 1996, p.159) à vista disso a afetividade faz parte do educar, estamos lidando com pessoas diferentes, contextos, realidades, mas sobretudo com humanos e não máquinas.

3. METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos que percorremos foram através da pesquisa bibliográfica e exploratória com abordagem qualitativa. Para coleta de dados, foi realizada uma entrevista estruturada com 4 professoras do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Para Gil (1999), a entrevista pode ser definida como uma técnica no qual o pesquisador se apresenta à frente das pessoas que participarão da pesquisa e lhe formulam perguntas com o intuito de obter os dados que interessam ao trabalho pesquisado. A entrevista é uma forma de interação social, uma forma de diálogo em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Por meio de coletas de dados como observação e entrevistas com as professoras do ensino fundamental anos iniciais, podemos observar a realidade de cada escola participante da pesquisa, bem como a prática pedagógica desenvolvida pelas professoras.

Acerca da pesquisa bibliográfica, Silva (2021) afirma que ela “ Está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.

Sobre a pesquisa exploratória para Selltiz (1965) os estudos exploratórios são aqueles com o objetivo principal de descobrir hipóteses e ideias para adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado.

A presente pesquisa foi realizada em duas escolas, uma da rede privada de ensino e

outra da rede Estadual de ensino, ambas no município de João Pessoa. As participantes da pesquisa são professoras do 2º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental. Algumas com mais experiência profissional do que outras, variando de 36 anos a 4 anos de docência. Vejamos as informações sobre cada uma das participantes da pesquisa no Quadro 1.

Quadro 1: Caracterização das professoras participantes da pesquisa

Professoras	Idade	Série que leciona	Tempo docência	Especialização/ Pós-graduação	Tipo de escola
1	54	5º ano	36 anos	História	Pública
2	62	4º ano	28 anos	Interdisciplinaridade	Pública
3	21	2º ano	4 anos	Psicopedagogia	Privada
4	27	3º ano	6 anos	Educação especial e Libras	Privada

A pesquisa foi realizada por meio de uma entrevista estruturada, com perguntas elaboradas por mim e a minha orientadora. Perguntou-se, por exemplo, acerca das dificuldades enfrentadas em sala de aula; as experiências que elas tiveram ao longo de sua aprendizagem; qual o conceito que elas possuem sobre afetividade; os conflitos e as soluções no dia a dia neste processo de ensino e aprendizagem e nas relações e interações no ambiente escolar, bem como a influência da família; e como trabalham as questões das emoções e as ações que contribuem para uma relação afetiva melhor.

Para a aplicação das entrevistas com as professoras, primeiro tive o contato com a diretora da escola pública. A escola localiza-se no mesmo bairro onde resido, é uma escola pequena, mas a comunidade escolar é bem unida. Conversei com a diretora sobre o TCC, informei sobre ser graduanda do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. Mostrei a carta de apresentação e a autorização para entrevistar as professoras do 4º e 5º ano. A mesma me recebeu muito bem e autorizou as entrevistas e as assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .

No dia seguinte, conversei novamente com a diretora para confirmar sobre as entrevistas, ela autorizou e me encaminhou para conversar com a coordenadora pedagógica, a qual chamou as professoras. Fomos para a sala da direção, e, de forma individual, fiz as entrevistas com cada docente. As educadoras foram muito simpáticas e responderam todas as perguntas propostas.

Para a aplicação das entrevistas da escola privada, conversei com a diretora. Como já conhecia a escola e as professoras, apresentei a carta de apresentação e autorização para as entrevistas. A diretora autorizou e assim conversei com as professoras do 2º e 3º ano para assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) . Fiz a entrevista com cada uma de forma individual, elas também foram muito simpáticas e responderam todas as perguntas propostas.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

A educação por si só já é complexa, pois diariamente lidamos com pessoas cheias de bagagens diferentes, experiências, culturas e modos de pensar distintos. Os fatores que influenciam na educação são muitos, a forma como os governos lideram o país, a infraestrutura das escolas, a falta de investimento na educação, as políticas sociais que envolvem o campo educacional e social, bem como a situação financeira dos pais e responsáveis, suas realidades de vida, a ausência de uma formação por parte dos profissionais da educação que seja mais completa, tudo isso e muito mais são causas de uma possível educação não afetiva.

Com tudo isso, as relações interpessoais interferem no próprio desenvolvimento de todo ser humano, principalmente no âmbito escolar que é um dos lugares onde os sujeitos aprendem a conhecer seus limites e potencialidades, demonstrando seus sentimentos e emoções, inevitavelmente. Isto posto, perguntamos às professoras **Quais as principais dificuldades que você encontra na sua prática pedagógica?** As respostas foram:

Professora 1: As principais dificuldades que enfrentamos é a falta do apoio dos pais, pois muitos não acompanham o desenvolvimento de seus filhos, são indiferentes acerca de como está a educação do filho na escola. Outra questão é a realidade social das crianças, que a grande maioria é de família carente e também a carência de recursos para educação que dificulta o nosso trabalho.

Professora 2: A participação dos pais, da família no processo de aprendizagem do/a aluno/a

Professora 3: As dificuldades que eu tenho e encontro durante a prática pedagógica está em sala de aula, na forma de tratamento com cada aluno, pois são diferentes um do outro. Exemplo: Educação que vem de casa, maus tratos, costumes de casa, essa é a maior dificuldade para mim.

Professora 4: Sim, são muitas, mas vou destacar duas. A primeira em relação ao uso de celular ,as crianças travavam no ensino e aprendizagem porque

estavam na sala de aula e o pensamento no celular, no jogo. A segunda dificuldade que quero destacar é em relação à inclusão, pois tem o PEI (Planejamento Educacional Individualizado) atividades adaptadas, avaliações adaptadas, enfim era uma grande dificuldade para mim conciliar tudo isso.

Como podemos ver, todas as professoras relataram que as dificuldades em sala de aula estão presentes. As professoras 1 e 2 (de escola pública) afirmam que uma das maiores dificuldades é a ausência dos pais no acompanhamento dos seus filhos. Identifica-se que muitas vezes os responsáveis não são ativos no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos seus filhos. Mas será que é porque eles não querem? Muitas vezes nós culpabilizamos essa ausência sem observar as questões ocultas que interferem, será que não existem fatores externos relacionados à própria sociedade, como a pobreza, a realidade sócio econômica, a saúde psicológica ou física dos pais ou responsáveis as barreiras da própria sociedade e outras problemáticas que influenciam de forma direta ou indireta nessa relação da escola com a família? Para LUIZ (2017) o educador não pode ser responsabilizado unicamente pelo fracasso dos alunos, existindo também, interações externas a escola onde se passa o cotidiano dos mesmos. Sabemos também que a escola não é perfeita, assim como nós seres humanos não somos.

Compreendemos que a família é essencial para o ensino e aprendizagem da criança, mas que muitas vezes essa ausência é por falta de tempo e até recursos financeiros. A questão social é sem dúvidas um fator preocupante, pois muitos responsáveis precisam trabalhar para sustentar a família, saem de casa cedo e chegam tarde, na maioria das vezes o único momento que tem para conviver com seus filhos são nas folgas ou fins de semana, por isso a escola também tem o dever de ser acolhedora.

Sendo assim, mais uma vez torna-se essencial o professor estar sensível para perceber as questões que estão por trás daquela criança que “dá trabalho” em sala de aula, ou que está com suas emoções desreguladas, sem motivação para estudar. É neste momento que a afetividade no ensino colabora para que tanto o educador como o sujeito possam observar como isso pode atrapalhar no caminhar da aprendizagem, reconhecendo que a família é uma grande parceria na educação e como os educadores podem dialogar com as mesmas para encontrarem uma solução viável para ambas as partes, visando no intuito maior que é a qualidade de significados para a educação plena desses indivíduos.

Nesse sentido, verifica-se que a família e a escola dependem uma da outra, necessitando de uma parceria entre elas. A necessidade de se construir uma relação entre escola e família, deve ser para planejar, estabelecer compromissos para que a criança tenha uma educação de

qualidade em casa e na escola (ALVES, 2018, p.83)

A professora 3 traz a problemática voltada para as interações dentro da sala de aula, sejam de alunos para alunos, ou a maneira que a mesma se relaciona com os alunos, pois são pessoas diferentes. Novamente a educadora afirma sobre a influência da família e as individualidades dos alunos, serem um ponto importante. Podemos compreender que as relações entre professor e aluno podem interferir de maneira positiva ou negativa no aprendizado, é notório que para uma educação afetiva, que respeita as particularidades de cada um, ambos precisam conhecer meios para regular suas emoções, no qual induzirá as ações precisas para a situação que venha surgir, como um conflito, por exemplo. É indispensável observar que as causas dos problemas não são de inteira responsabilidade das famílias ou dos professores, há todo um contexto por trás, mas analisarmos que existem situações que fogem do nosso controle e o ponto chave é: como encontraremos a melhor solução de forma conjunta e integrada, visando no melhor desenvolvimento desse ensino e aprendizagem? Seria hipocrisia dizer que é um exercício fácil e simples, porém apesar de ser complicado e trabalhoso, é possível quando há um trabalho em conjunto.

A professora número 4 diz que há muitas dificuldades, todavia é interessante que a mesma destaca as tecnologias digitais como um dos motivos para que os alunos não se concentrem em sala de aula. As tecnologias digitais vem sendo um instrumento de grande interesse dos alunos e educadores, pois se usadas da maneira correta podem auxiliar no desenvolvimento de uma aprendizagem mais dinâmica, lúdica e significativa. Na área educacional, a tecnologia vem sendo uma grande aliada, pois no mundo em que vivemos a tecnologia é indispensável e pode sim ser um instrumento essencial para a educação, inclusive para uma educação mais afetiva. Por outro lado, quando as crianças utilizam essas tecnologias sem intencionalidade pedagógica ou mesmo para passar tempo em casa sem supervisão ou um tempo determinado, existem riscos como o vício, podendo até acarretar dificuldades de interação social, psicológicas e educacionais.

Todos sabemos que vivemos em um mundo acelerado e grande parte dos pais e familiares estão ocupados com o trabalho ou afazeres de casa por exemplo e acabam oferecendo o celular ou *tablet* e computadores, dependendo da realidade social para as crianças se entreterem, na maioria das vezes essas tecnologias acabam fazendo o papel de ‘suprir ‘ a necessidade daquela criança no momento. O que a professora 4 afirmou sobre essa questão de algumas crianças utilizarem o celular em sala de aula ou mesmo sofrerem pelo vício é uma grande realidade nas escolas principalmente da rede privada de ensino.

Infelizmente, vem sendo um caso que necessita de atenção. Quando o afeto e a atenção que deveriam ser oferecidos na família são substituídos por objetos, inclusive tecnológicos, as crianças passam a ficarem menos afetuosas, violentas e o desempenho na aprendizagem diminui drasticamente. Assim afirma Rodrigues (2017) que a falta de orientação pode provocar sérios distúrbios de comportamento. Porém, é preciso entender que as tecnologias não devem ser excluídas, pelo contrário, precisamos pensar como por exemplo usar o celular como instrumento transformador de afetividade, então quais serão as estratégias que serão abordadas?

A segunda dificuldade que a professora 4 destacou foi sobre a inclusão, as metodologias adaptáveis para o ensino de pessoas com deficiências. Esse sem dúvida é um fator que deve ser levado em consideração. Tendo em vista que a formação dos professores em educação especial não é completa, muitas vezes esse profissional quando estava na academia não teve a oportunidade de ter um currículo no curso que abrangesse essa área tão aprofundada que é imprescindível na educação. Com isso é de extrema importância a formação continuada, o professor estar buscando conhecimento para aprender e ser mais capacitado no seu ensino, sabendo que todos possuem o direito de ter uma aprendizagem inclusiva, integral com equidade e qualidade.

Ainda perguntamos: **Existe alguma ação da escola ou sua para diminuir a distância entre ESCOLA E FAMÍLIA? Qual (is) ?** As respostas foram:

Professor 1: Sim, sempre fazemos reuniões, temos grupos de pais da escola e estamos diariamente em contato via whatsapp.

Professor 2: Sim, fazemos reuniões com os pais, temos os grupos do whatsapp em que comunicamos diariamente, temos também uma busca em casa, quando estão faltando a diretora vai na casa do aluno para buscá-lo.

Professor 3: Sim. A escola em reuniões trabalha muito esse termo e os professores tendo um contato bom com os pais faz ser quebrado essa barreira.

Professor 4: Sim sempre temos reuniões na escola, temos a comunicação com os pais via Whatsapp

O interessante é que todas afirmam que fazem reuniões com os pais, possuem o contato diariamente, mas observa-se que na pergunta passada algumas disseram que um dos maiores problemas é o não apoio da família no acompanhamento do processo de aprendizagem de seus filhos. Se elas colocam que os pais não dão o devido apoio, será que essa comunicação está ocorrendo de forma recíproca? Muitas vezes a educação torna-se

centralizada no poder dos gestores, ou professores, alguns pais acabam sentindo-se desconfortáveis ou mesmo sem espaço para dar sua contribuição e participar das ações ofertadas pela comunidade escolar. O afeto deve estar presente no convívio dentro da sala de aula, mas também no contato com os pais e responsáveis, esse olhar de compreensão, de abrir momentos que os introduzam como parte importante da educação de seus filhos, os mesmos precisam sentir-se participantes ativos, que integram e fazem total diferença não só para a aprendizagem, como para toda a sociedade.

Isto posto, perguntamos às educadoras: **Em sua trajetória enquanto estudante, você consegue identificar experiências que foram negativas na sua relação com os/as professores/as?**

Das três entrevistadas, apenas uma afirmou que lembrava de uma situação que a deixou desconfortável, mas não relacionado a sua relação com a professora. Isso nos faz refletir que muitas vezes a relação de alunos para com os professores ou vice-versa é estereotipada. Ou seja, por não haver conflitos significa que a relação está “normal”. Porém, uma relação saudável e afetuosa não quer dizer que está livre de conflitos entre as partes, pelo contrário, os erros, problemas, opiniões diferentes fazem parte de aceitar que apesar de sermos iguais, somos ao mesmo tempo diferentes.

Perguntamos: **Quando falo em “relação afetiva” o que lhe vem à mente?** As respostas foram:

Professora 1: Me vem à mente a questão do respeito, do diálogo, o carinho

Professora 2: Me vem à mente uma relação de amorosidade, respeito acima de tudo

Professora 3: Entendo quando se trabalha o emocional em sala de aula, que também está relacionado com o professor e aluno

Professora 4: Vem em minha mente a questão de afeto, de acolher, veio à mente uma professora que tive no ensino fundamental que sabia que eu era tímida e sempre separava um lugar para mim na sala.

Todas falaram sobre os sentimentos de respeito, relacionado ao carinho entre ambas as partes. A professora 3 explanou sobre trabalhar as emoções, a professora 4 destacou o acolhimento e citou um exemplo de sua infância que a marcou para vida, esse olhar atencioso da educadora para com ela fez que se sentisse importante, especial, compreendemos o quanto o olhar atento aos detalhes do dia a dia na sala de aula, faz a diferença na vida dos educandos. As responsabilidades que temos de perceber os pormenores que envolvem o ato de educar, cada ação resulta em uma memória que ficará marcada para sempre na vida dessas pessoas

que temos contato diário e conseqüentemente será um motor para sucesso ou fracasso no caminho da aprendizagem, nós deixamos marcas.

Assim, perguntamos as docentes: **O que vem à mente quando eu falo “a influência da afetividade no processo de aprendizagem”?** As respostas foram:

Professora 1: Vem à mente que quando as crianças estão à vontade elas aprendem melhor

Professora 2: É essencial tanto do lado do professor como do aluno, até mesmo dos pais, pois assim o aluno aprende melhor, e até na questão da alfabetização que se torna mais rápida.

Professora 3: A afetividade é essencial na aprendizagem, pois o professor necessita ter um olhar amplo entendendo as necessidades de cada aluno.

Professora 4: O que me vem à mente é que a aprendizagem vai fluir melhor. Não é aquele professor que vai entrar numa sala e vai apenas dar aula aplicar uma atividade, ele vai ter uma relação com o aluno e afetiva e isso vai contribuir para que a criança se desenvolva melhor o aluno passa a se interessar mais e ficar envolvido, a aprendizagem de fato acontece, dentro dessa relação afetiva o professor conhece mais o aluno, suas fragilidades e aprendizado acontece.

Diante disso, percebe-se que todas as professoras entrevistadas reconhecem da forma que sabem e acreditam que é primordial a influência da afetividade no ensino e aprendizagem, destacando o bem-estar, a sensibilidade, o olhar além do óbvio, o conhecimento das vulnerabilidades e competências, um melhor desenvolvimento no processo de aprendizagem e no ensino. Como sabemos ensinar não é uma tarefa fácil, requer responsabilidade, conhecimento de conteúdos e principalmente de realidades, ser capaz de observar as pessoas como humanos e não máquinas, seres complicados e ao mesmo tempo fascinantes, da mesma maneira aprender também se torna uma atividade trabalhosa e o afeto vai ser um motor para que essas ações sejam significativas, e os alunos sejam de fato o centro, os protagonistas de sua vida.

Relacionado às emoções perguntamos: **Em sua opinião, as expressões emocionais das crianças em sala de aula, como ,raiva, alegria, entusiasmo, tristeza, euforia, amorosidade, atrapalham o processo de ensino e aprendizagem? Por quê?** As respostas foram:

Professora 1:Atrapalha quando a criança está emburrada com alguma coisa, por exemplo, aí eu sempre noto a diferença e vou conversar e ver o que está acontecendo. Acredito que essa sensibilidade de perceber como está o/a aluno/a não atrapalha, mas ajuda no processo de ensino e aprendizagem

Professora 2: Dependendo atrapalha e ajuda né, as emoções negativas tem que ser trabalhadas e as positivas servem para aprimorar o aprendizado

Professora 3: Sim. Todas as emoções dependendo das quais, podem sim atrapalhar ou somar no processo de aprendizagem.

Professora 4: Eu acho que de certa forma sim e não ao mesmo tempo, porque expressões emocionais isso é natural, vai ter na sala de aula a todo momento essa demonstração das emoções das crianças. Só que cabe ao professor identificar se essas emoções estão se transformando em um problema emocional aí sim vai atrapalhar com certeza, porque uma criança que está com problemas em casa quando chegar na escola ela não vai ter a atenção necessária, vai ficar desmotivada e isso prejudica no processo de aprendizagem.

Todas falam que as expressões emocionais atrapalham o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula, indicando a ausência de compreensão sobre o assunto e que essas questões emocionais são descontextualizadas da realidade. Não podemos separar as emoções do dia a dia elas fazem parte de nós, não são elas que atrapalham mas sim a maneira que essas crianças e os próprios educadores lidam com seus sentimentos e do próximo. O processo de ensino e aprendizagem é um processo complexo que envolve tanto a dimensão cognitiva quanto afetiva do ser humano. Não existe aprendizagem sem afetividade, isto é, sem levar em conta todas as emoções dos sujeitos, não apenas as positivas.

Sendo assim perguntamos: **Já houve algum episódio de conflito ou briga entre estudantes na sala de aula? Como foi que você resolveu?** As respostas foram:

Professora 1: Sim, sempre tem alguns atritos entre eles, mas procuramos sempre resolver conversando e vendo as melhores maneiras para solucionar o conflito, quando é algo mais sério, encaminhamos para a conversa com a direção. Quando ainda assim não é resolvido, encaminhamos para a conversa com os pais ou conselho tutelar em último caso.

Professora 2: Sim, com certeza entre eles sempre tem. Procuro resolver no diálogo, dando exemplos do dia a dia, quando não conseguimos resolver em sala, encaminhamos para direção e conversamos com os pais.

Professora 3: Já sim. É normal acontecer desentendimento em sala de aula entre os alunos, dependendo do ocorrido, corrijo e ambos pedem desculpas.

Professora 4: Sempre tem algum conflito, todo dia surge algum conflito, mas dependendo da situação eu converso. Lembro que tinha uma aluna com deficiência intelectual e o mais difícil em relação aos conflitos em sala de aula era com ela porque ela não se dava bem com os meninos e nem os meninos com ela, a turma em si. Porque realmente ela ficava bem em ‘‘cima deles’’. Conversamos com a mãe dela e ela foi trazendo brinquedos, doces para

dividir com os colegas para ver se ela “ conquistava os colegas. Conversei com a turma também sobre a deficiência dela para que eles entendessem. Então é isso eu converso, se for necessário privar de algo eu privo por um certo tempo, se for algo mais grave encaminho para direção.

Percebemos que todas usam o diálogo como instrumento indispensável para discutir e encontrar uma maneira mais viável acerca dos problemas. Elas acreditam que é uma das melhores maneiras para mediar os conflitos, a comunicação. Isso demonstra que mesmo de forma inconsciente ou até consciente elas estão colocando a teoria de Vygotsky sobre o poder da comunicação e interação para a aprendizagem em prática. Mais uma vez é fundamental analisarmos se essa comunicação é recíproca e democrática no sentido de ambas as partes envolvidas expressarem seu ponto de vista.

Perante o exposto, perguntamos: **Existe alguma ação ou atividade específica que você realiza para trabalhar as emoções em sala de aula?** As respostas foram:

Professora 1: Sim, nas sextas-feiras trabalhamos os valores, temos um projeto sobre emoções e no dia a dia fazemos o acolhimento, a leitura deleite, eles têm liberdade de se expressar, dizer como estão se sentindo.

Professora 2: Temos o projeto das emoções, o quadro das emoções, todo dia fazemos o acolhimento e falamos acerca das emoções

Professora 3: Sim. Costumo todos os dias perguntar sobre o dia anterior, saber o que estão sentindo, se estão bem, essas perguntas interferem e ajudam muito no dia a dia, saber a particularidade de cada um. Notando que é uma atividade necessária em sala, vou procurar meios melhores de trabalhar as emoções, tendo em vista que é algo tão importante e auxilia a aprendizagem.

Professora 4: Sim ,sempre trabalho com as emoções e com histórias, confesso que deveria ter trabalhado mais.

Verifica-se que, mais uma vez, faz-se necessário não separar as emoções e sentimentos como se fosse à parte da vida, a todo momento estamos demonstrando os altos e baixos das nossas ações e reações, são esses momentos em que colocamos em prática as experiências pedagógicas, os métodos aprendidos e todo conhecimento que temos, são nessas situações em que as emoções afloram que as crianças podem compreender a se autorregular, a conhecerem o que estão sentindo no momento e como vão lidar, a não serem dependentes de algo ou alguém para agirem , mas serem os próprios agentes da mudança. Souza (1997) afirma que a razão do educar deve ser enriquecedora da personalidade em que as relações humanas são maduras ou estão no processo de amadurecimento havendo uma modificação de subordinação à autonomia, de dependência à independência, de imitação à criatividade efetiva. Portanto, trabalhar as emoções em sala de aula é mais do que necessário é um dever.

Por fim, pedimos: **Cite as ações que você realiza com os/as estudantes que contribuem para uma melhor relação pedagógica afetiva.** As respostas foram:

Professora 1: Procuo ter sensibilidade para com as emoções e até a realidade do aluno, por exemplo tem alunos/as que chegam na escola com fome e isso a gente percebe que atrapalha no aprender com isso o alimentamos primeiro para que ele possa aprender melhor. Busco sempre dialogar , fazer com que eles se sintam à vontade comigo, até o papel da família muitas vezes desempenhamos de dar carinho, atenção.

Professora 2: Toda a escola é bem afetiva, todos tem uma ótima relação tanto com os alunos como entre si, o corpo pedagógico, sempre dialogamos com a comunidade e procuramos envolver nas coisas da escola, buscamos ter um olhar sensível para os/as alunos/as. Uma das coisas que acredito que faz toda diferença é que nós de todo corpo escolar somos unidos e isso facilita muito nosso trabalho

Professora 3: O diálogo, ter sempre uma conversa, saber ouvir cada um. Tudo de forma construída em sala, tanto o aluno como o professor, isso contribui a ter essa relação.

Professora 4: Converso muito com eles, observo a relação com os pais, mas acredito que deveria ter trabalhado mais em sala de aula.

Cada professora afirma que busca ter ações mais efetivas da maneira que podem e acreditam, contando com o apoio da escola e comunidade. Mas sabemos que não só depende exclusivamente delas para que essa educação afetiva seja de fato realidade. Existem professores que não conseguem ofertar essa educação afetiva, pois já estão saturados de trabalharem em situações precárias, com salários baixos, o estresse diário toma conta, sua saúde psicológica é prejudicada e não possuem o apoio que esperavam e mereciam. Sendo assim, muitas vezes não conseguem ofertar uma educação de qualidade, sentem-se incomodados ou até mesmo perdem a motivação de trabalharem na área, buscando a aposentadoria, ou mesmo em último caso mudando de profissão, pois o desgaste acaba desestimulando. Infelizmente, essa torna-se uma grande realidade e faz com que a sociedade não reconheça o papel dos educadores/as.

Sobre essas questões, Souza (2007) faz uma afirmação sobre esses problemas serem um dos motivos para que a paixão de ensinar seja sabotada e sejam um dos motivos para que a produção das aulas seja de baixa qualidade. Sendo assim, fica manifesto que são diversas as causas e consequências que contribuem para que o afeto não esteja presente em sala de aula. Percebe-se que todas as professoras entrevistadas consideram a afetividade um instrumento de grande relevância, pois auxilia no desenvolvimento da aprendizagem e nas relações do

convívio no âmbito escolar, bem como para a própria vida dos educandos, tornando uma educação significativa.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho visou compreender como é a afetividade na relação pedagógica especificamente no ensino fundamental da educação básica. Como a afetividade é considerada no âmbito educacional segundo as experiências das entrevistadas. Diante das reflexões feitas baseadas nos teóricos da psicologia e da educação bem como nas análises da pesquisa e dos resultados, concluímos que a afetividade é um fator de extrema importância para que os educandos aprendam de maneira mais humana e significativa.

Existem diversos aliados para que essa educação de fato seja afetiva, não depende apenas do professor/a e do aluno/a, há uma rede de apoio que contribui e influencia essas relações pedagógicas afetivas tanto entre educador e educando, como educandos e educandos, educandos e toda comunidade escolar.

As políticas públicas voltadas para a diminuição da pobreza, também favorece já que a maioria dos pais e responsáveis necessitam trabalhar, ou mesmo estão desempregados e fazem como podem na luta para colocar o pão na mesa, acabam não obtendo tempo para educar seus filhos da maneira que desejavam e oferecer o devido apoio seja no quesito da aprendizagem como na área psicológica. Assim, a família pode ter a possibilidade de auxiliar seus filhos sobre o afeto e seus conceitos, o respeito, a responsabilidade, ensinando a ouvir, ser sensível, sobre as emoções e o conhecimento de si e do outro, para que o desenvolvimento da aprendizagem seja satisfatório, trabalhando junto com a escola.

O financiamento e recursos para a educação, bem como a valorização dos profissionais, os apoios necessários, sejam eles no âmbito de trabalho como materiais didáticos, educação continuada para diminuir as ausências na formação acadêmica, um ensino colaborativo em que todos se ajudam. Tudo isso converte o ambiente escolar menos estressante e garante que os conflitos tenham possibilidades de serem resolvidos da melhor maneira.

A educação tem o importante papel de transformar a sociedade através das pessoas. Paulo Freire (1996) afirma que “A educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo” ou seja, as pessoas que são seres integrais, com emoções, sentimentos, culturas, contextos, diversas realidades, podem aprender a utilizar o conhecimento para acrescentar no lugar onde vivem e ir além, transformar, reconstruir uma

sociedade mais respeitosa, igualitária que considera o outro como parte de si.

Portanto, após o término desse estudo é possível afirmar que o objetivo delimitado foi alcançado, mas os conceitos de afetividade baseados nos teóricos ainda são poucos conhecidos. É necessário uma formação continuada que aborde a afetividade, as emoções, uma educação socioemocional, tanto para os professores que atuam na área como os que estão se formando. Uma educação que é afetiva contribui não só para um melhor ensino e aprendizagem, mas para a própria convivência em sociedade, em que auxiliam nas ações dos indivíduos para que possam ser reflexivos, protagonistas, sensíveis sobre si e sobre o outro.

REFERÊNCIAS

AFETIVIDADE. In: DICIO, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/afetividade/>> Acesso em 19/12/22.

AFETUOSIDADE. In: DICIO, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramento Ltda, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/afetuosidade/>> Acesso em: 19/12/22.

ALVES, M. et al. **Escola e Família: uma aproximação necessária**. 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/07/revista-espaco-academico-v05-n01-artigo-06.pdf> Acesso em : 21 de Out de 2022

BLANCHARD, M. et al. **Afetividade na educação infantil: um estudo de caso à luz de Paulo Freire, Piaget e Wallon**. Revista Multidisciplinar Humanidades e Tecnologias (FINOM), 2021

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CÂNDIDA, M. M. **Educar na Biologia do Amor e Solidariedade**. Vozes, 2003

CARLOS, J. et al. **O fazer pedagógico: (re)significando o olhar do educador**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009. 136 p.

CLEIRE, H. *et al.* **A relevância da afetividade no processo de aprendizagem**. Revista Humanidades e Inovação v.8, n.55.

EMOÇÃO. In: DICIO, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramento Ltda, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/emo%C3%A7%C3%A3o/>> Acesso em: 19/12/22.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo, p. 165, 1996.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999

KOCHHAN, A *et al.* **A afetividade no processo de Ensino- Aprendizagem na perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon**. UEG – Câmpus Inhumas, 2015

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2013

LUIZ, J *et al.* **Fracasso escolar: possíveis causas e consequências**. 2017. Disponível em:

<http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/FkS4Z2zWQBdaVRf_2017-1-21-11-13-3.pdf> Acessado em : 25 de Out. de 2022

MAXIMINIANO. V. V. **A importância da afetividade no ensino fundamental**. Revista primeira evolução São Paulo, 2021

PEREIRA, J. **A Afetividade na Educação Infantil: A Importância do Afeto para o Ensino Aprendizagem**. Amapá, Instituto Federal, 2022

PIAGET, J. W. F. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998

PIAGET, J. W. F. **Epistemologia Genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011. 72 p.

REGINA. J. **A Influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2009.40 p.

RODRIGUES. C. **Os efeitos negativos da internet na educação**. 2017 Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Carla-Rodrigues-de-Andrade.pdf>> Acessado em: 24 de Set. de 2022.

SANTOS. F *et al*. **Afetividade: Abordagem no Desenvolvimento da Aprendizagem no Ensino Fundamental - Uma Contribuição Teórica**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 – nº 1 , 2012.

SILVA. A. *et al* A Pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83, 2021.

SOUZA.P.B..**Orientação à queixa escolar**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007

SOUZA. H.M. **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo, 1997

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

APÊNDICES**ANEXO 1**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Eu, _____ Diretora da
Escola _____ autorizo a WINITS
SOARES FERREIRA, matriculada no curso Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba,
sob a orientação da professora Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula, a coleta de dados
nessa instituição, com a finalidade de realizar a pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de
Curso) intitulada: Afetividade na relação pedagógica : anos iniciais do ensino fundamental,
cujo objetivo é analisar a compreensão dos/as professores/as do ensino fundamental anos iniciais
sobre afetividade na relação pedagógica. A coleta de dados ocorrerá por meio de uma entrevista
semiestruturada, com o compromisso de utilizar os dados obtidos somente para fins
científicos, bem como de disponibilizar os resultados obtidos para a instituição.

João Pessoa ____ de _____ de 2022

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos, me disponho a participar da Pesquisa "**Afetividade na relação pedagógica do ensino fundamental anos iniciais**".

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho terá como objetivo geral analisar a compreensão dos/as professores/as do ensino fundamental anos iniciais sobre afetividade na relação pedagógica.

Aos/as voluntários/as só caberá a autorização para participar de uma breve entrevista e não haverá nenhum risco ou desconforto.

- * Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- * O/a voluntário/a poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o/a mesmo/a.
- * Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos/das participantes.
- * Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos/as participantes voluntários/as deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros aos/as voluntários/as e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- * Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o/a participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 988687898
- * Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- * Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, apresento e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

ANEXO 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS
CURSO DE PEDAGOGIA
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados sócio demográficos:

Nome _____ Idade _____ Gênero _____

Série que leciona _____ Há quanto tempo leciona _____ Tipo de escola _____

Tem alguma pós-graduação () SIM () NÃO. Se sim, qual _____

- 1) Quais as principais dificuldades que você encontra na sua prática pedagógica?
- 2) Você consegue identificar algum ou alguns conteúdos/experiências que ficaram ausentes na sua formação profissional?
- 3) Em sua trajetória enquanto estudante, você consegue identificar experiências que foram negativas na sua relação com os/as professores/as? Quais?
- 4) Quando eu falo “relação pedagógica afetiva” o que lhe vem à mente?
- 5) Já houve algum episódio de conflito ou briga entre estudantes na sala de aula? Como foi que você resolveu?
- 6) O que lhe vem à mente quando eu falo “a influência da afetividade no processo de aprendizagem”?
- 7) Existe alguma ação da escola ou sua para diminuir a distância entre ESCOLA e FAMÍLIA? Qual (is)?
- 8) Em sua opinião, as expressões emocionais das crianças em sala de aula, como raiva, alegria, entusiasmo, tristeza, euforia, amorosidade, atrapalham o processo de ensino-aprendizagem? Por quê?
- 9) Existe alguma ação ou atividade específica que você realiza para trabalhar as emoções em sala de aula?
- 10) Cite as ações que você realiza com os/as estudantes que contribuem para uma relação pedagógica afetiva.

